

Adversários usam crise para tirar FHC do páreo

HELENA CHAGAS E
LUIZA DAMÉ

Os adversários da candidatura Fernando Henrique Cardoso estão usando a crise entre os poderes para dificultar a saída do ministro da Fazenda do Governo e retirá-lo do páreo sucessório. Ontem, Fernando Henrique — que mandou ordem ao Banco do Brasil para não pagar o aumento dos salários do Judiciário — foi o principal alvo dos articuladores de outras candidaturas. Preocupados, seus aliados temiam que um desfecho negativo acabe por inviabilizar a candidatura FHC. “A crise assumiu uma proporção maior que os fatos e é preciso acalmar os ânimos. Ela pode impedir a candidatura do ministro”, dizia, apreensivo, o líder governista Luiz Carlos Santos, integrante da facção do PMDB que trabalha por uma candidatura de união da centro-esquerda. Enquanto isso, outros aliados tentavam usar a briga com o Congresso e o STF para aumentar a popularidade do ministro.

O PPR de Paulo Maluf e o PDT de Leonel Brizola tentam arranhar a imagem do ministro da Fazenda denunciando a crise como uma manobra de campanha. “Pelo tom de voz, Fernando Henrique acha que está faturando. Ele está no meio desse jogo de cena, preocupado com as eleições e envolvido na fabricação ostensiva de uma crise”,

atacou o presidente do PPR, Esperidião Amin, que até a véspera mantivera uma postura fria diante da crise. “Acho que o Fernando Henrique Cardoso pisou na bola. Esculhambou o Congresso e não vai mais ter apoio nenhum aqui dentro”, completou o líder do PPR no Senado, Epitácio Cafeteira.

O líder do PDT, Luiz Salomão chegou a subir à tribuna para acusar a existência de uma “falsa crise institucional”. “Obviamente, com o apoio incontestado de toda a mídia, está havendo manipulação dos fatos para criar um falso marajá a ser combatido pelo candidato ministro da Fazenda”, afirmou.

Até mesmo o PMDB quercista se manifestou. “O Fernando Henrique está ferindo a independência dos poderes. Não há democracia assim”, esbravejou o senador Cid Sabóia de Carvalho (PMDB-CE), ameaçando não participar hoje da votação do Senado que o Governo está articulando para manter o veto presidencial derrubado pela Câmara para aumentar os salários dos parlamentares. “Sob coação eu não voto”, reagiu o senador.

Para o petista Paulo Delgado, todos os candidatos — e não só Fernando Henrique Cardoso — estão usando a crise. “O combustível da crise é a sucessão. Hoje em dia, dá prestígio aos candidatos atacar o Congresso”, disse Delgado. Distante de seu candidato, que faz uma

caravana pelo Piauí, o PT de Lula bateu mais leve. “A ampliação da crise, para tumultuar o processo, só interessa aos setores que não conseguiram consolidar uma candidatura”, dizia o líder José Fortunatti, deixando claro que o importante é garantir a realização das eleições.

Foi exatamente o temor de que o processo democrático seja irreversivelmente abalado que levou outros parlamentares a fazerem o papel de “bombeiros” na briga sucessória. O ex-líder do Governo, Roberto Freire, defendeu um acordo a qualquer custo, mas criticou a precipitação do Governo: “Nota não é o mecanismo de comunicação entre os três poderes. É incompatível nesse tipo de relacionamento”. “Não se pode sacrificar as franquias democráticas por questões aritméticas menores. Sabe-se como começa uma ditadura”, afirmou, por sua vez, o ex-relator da CPI do Orçamento, Roberto Magalhães.

Os aliados de Fernando Henrique Cardoso no PSDB dividiam-se entre a preocupação com que a crise cresça e atrapalhe sua saída do ministério, que deve ocorrer até semana que vem, e a avaliação de que, se debelada a tempo, a crise acabará por ter sido benéfica à sua candidatura. Na bancada “tucana”, muita gente afirmava ontem que, brigando com um Congresso e um Judiciário impopulares, FHC poderá crescer nas pesquisas.

Ana Araújo



Empresários pediram a FHC empenho do Governo pela revisão